



## O Artista Sem Rosto

*Não se conhecem as feições verdadeiras do homem que criou os mais expressivos rostos da escultura brasileira. Apesar de uma absurda lei municipal ter decretado, em julho de 1971, que o quadro acima é o "retrato oficial" do Aleijadinho, não existem provas concretas de que a obra seja autêntica. Achado em 1916, o retrato não condiz com descrições feitas muito anteriormente.*

A Bíblia em pedra-sabão: os 12 apóstolos e as 66 estátuas esculpidas em cedro, que o Aleijadinho produziu para decorar a igreja de Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas do Campo (MG), estão entre as maiores obras de arte da história do Brasil.

# Aleijadinho e o Esplendor do Barroco

Vila Rica não é Florença, pedra-sabão não é mármore e Aleijadinho não foi Michelangelo. Ainda assim, o esplendor e o requinte, as sutilezas e a suntuosidade das dezenas de estátuas, pias batismais, púlpitos, brasões, portais, fontes e crucifixos permitem supor que o Brasil teve um gênio renascentista desgarrado em plena efervescência de Minas colonial, esculpindo e trabalhando com o espírito, o fulgor e a grandiosidade dos artistas iluminados. O legado do Aleijadinho — eternizado no interior e nas fachadas de meia dúzia de igrejas de Minas Gerais — reflete mais que os minérios que saíram dali para fazer o fausto de nações além-mar. Na prática, foram elas — estátuas, lavabos e esculturas — a herança que restou para recordar o Brasil de seus tempos áureos. A obra monumental de Aleijadinho é um patrimônio superior a qualquer luxo que o ouro possa comprar.

Embora tenha sido um dos maiores artistas do Brasil, da vida do Aleijadinho restam apenas fragmentos biográficos dispersos, a maioria deles envolta na sombra mitificadora das lendas baratas. Sabe-se que se chamava Antônio Francisco Lisboa e era filho bastardo do "juiz do ofício de carpinteiro" Manuel Francisco Lisboa com a escrava de nome Isabela (embora documento algum comprove). Quando nasceu? Em 1738, talvez, embora a "data oficial" seja 29 de agosto de 1730. Quem foram seus mestres? O pai e o tio, Antônio Francisco Pombal, embora alguns prefiram filiá-lo à escola do desenhista João Gomes Batista e à do entalhador José Coelho de Noronha, portugueses com "oficinas" em Vila Rica. Quais suas fontes de inspiração? Os livros da biblioteca do poeta Cláudio Manuel da Costa e "gravuras bíblicas góticas e bizantinas" da *Biblia Pauperum*.

As dúvidas são muitas porque quase tudo que se sabe sobre o Aleijadinho provém de *Traços biográficos relativos ao finado Antônio Francisco de Lisboa*, publicados por Rodrigo Bretas em 1858. Escritos 44 anos depois da morte do artista, os esboços de Bretas est

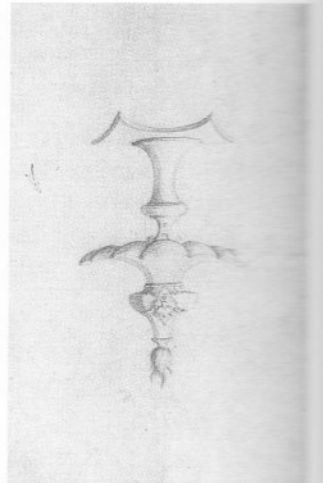


## Uma Morte Misteriosa

Passados quase 200 anos da morte do Aleijadinho, pesquisadores ainda discutem para saber qual a doença que acabou com a saúde e o humor do maior dos escultores brasileiros. Nenhum, porém, teve iniciativa. Nem a disposição ou verba para empreender a investigação que incluiu a única possibilidade de esclarecimento definitivo: a exumação do cadáver do Aleijadinho. Por enquanto, existem apenas hipóteses sobre a terrível enfermidade deformativa que, a partir de 1777, foi carcomendo pés e mãos do gênio do barroco brasileiro. Em 1929, o médico René Lactet optou por "lepra nervosa" como diagnóstico "menos improvável", visto que no quadro clínico de Antônio Francisco se encontravam vários sintomas do mal de Hansen (atrofia dos músculos das mãos, nevralgias, atrofia do orbicular das pálpebras, paralisia facial, queda dos dentes). Outra hipótese citada com frequência é a da zamparina (doença advinda de um surto gripal que irrompeu no Rio em 1780, responsável por alterações no sistema nervoso). As demais especulações, citadas em mais de trinta estudos, incluem escorbuto, encefalite e sífilis. O fato é que, além da dor, a doença tornou o Aleijadinho quase um monstro.



repletos de impropriedades. Apesar da bibliografia referente ao Aleijadinho superar, atualmente, mil títulos (entre livros e artigos), o estofa da lenda nasceu dos mitos forjados por Rodrigo Bretas. De qualquer forma, parece certo que, antes da misteriosa doença que o acometeu, em 1777, Antônio Francisco, além de artista maduro — cujo primeiro projeto fora a igreja da Ordem Terceira de São Francisco —, era também "grandemente dado aos vinhos, às mulheres e aos folguedos". Seu biógrafo sugere que a enfermidade surgiu dos "excessos venéreos". Em fins de 1777, o escultor já perdera os dedos dos pés, "do que resultou não poder andar senão de joelhos", e os dedos das mãos se atrofiaram de tal forma que o artista teria decidido "cortá-los, ficando-se do formato com que trabalhava". Não foi só: Aleijadinho "perdeu quase todos os dentes e a boca entortou-se como sucede ao estuporado; o queixo e o lábio inferior abaixaram-se e o olhar do infeliz adquiriu a expressão sinistra de ferocidade (...)" que o deixou de um aspecto assustoso e medonho.



Essas inigualáveis obras-primas do barroco teriam sido esculpidas com os formões atados às mãos sem dedos do Aleijadinho, com a ajuda de seus auxiliares e de seus três irmãos (os fiéis Maurício, Januário e Agostinho, os quais, em crises de dor e fúria, o artista frequentemente freqüentemente). Embora seus clientes fossem ricos, o Aleijadinho nunca ganhava muito: seu salário era de 1,2 grama de ouro por dia e ele o dividia com sua equipe, além de ser pródigo em esmolas. Sua revolta contra os poderosos — a obra de Congonhas dedicada quatro anos após o martírio de Tiradentes — parece evidente. As razões dela, porém, não eram apenas pessoais. "No Aleijadinho, o ressentimento tomou a expressão de revolta social, de vingança de sub-raça oprimida", escreveu, em 1936, o sociólogo Gilberto Freyre. "Em sua escultura, a figura de 'brancos', 'senhores' e 'capitães romanos' aparecem determinadas, menos por devoção a Jesus Cristo e sua raiva de ser mulato e doente do que por sua revolta contra os dominadores da colônia".

Na noite quem diagnosticasse no orgulho despertado pela suntuosidade das obras do Aleijadinho as raízes da revolta da colônia contra a exploração exercida pela metrópole. O gênero cuja obra ainda inspira tantas interpretações, porém, nunca veria um Brasil independente. Depois de dois anos rolando, aos gritos, sobre um estrado de madeira, com um dos lados do corpo "horriavelmente chagado", o Aleijadinho foi, enfim, poupado da agonia

